



Ministério

Adventista



Oração de um Administrador

Querido Senhor:

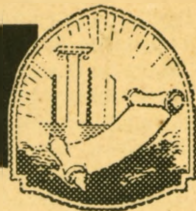
- ★ Ajuda-me a ser o que desejo que os outros se tornem—um cristão praticante e que nasceu de novo. Toda reputação como líder deve ser proporcional a esta elevada vocação.
- ★ Ajuda-me a exercer o maior tato possível, a ser ponderado e bondoso como Jesus era para aqueles com os quais Se comunicava. Ajuda-me a nunca ser rude, a nunca preferir desnecessariamente uma palavra severa, a nunca causar inútil sofrimento a uma alma sensível.
- ★ Ajuda-me a ser corajoso, animado, zeloso e cheio de santo entusiasmo por minha obra.
- ★ Dá-me uma consciência que sinta profundamente o pecado da inatividade; e capacita-me a abrir portas de oportunidades através das paredes de proteção que tendem a excluir-me do mundo.
- ★ Que eu nunca pergunte: “É isto seguro?” “É conveniente?” mas sim: “É correto?”
- ★ Ajuda-me a aumentar o valor de cada pessoa que me cerca.

- ★ Ajuda-me a ser suficientemente grande para não fazer caso de menosprêzo, quer seja intencional, quer não, e a perdoar e esquecer insultos.
- ★ Concede-me graça para jamais tirar desforra ou ser vingativo. Acima de tudo, Senhor, nunca permitas que eu use minha influência ou minha posição para desforrar-me de alguém que se opôs à minha pessoa ou me ofendeu.
- ★ Ajuda-me a não suscitar desavenças com meus companheiros de trabalho.
- ★ Que eu evite a trivialidade e esteja disposto a ceder em pontos que não envolvem princípios!
- ★ Ajuda-me a tratar os “inferiores” com o mesmo respeito e consideração com que lido com os que são meus superiores.
- ★ Ajuda-me a nunca transferir a culpa para outros, e a aceitar minha responsabilidade quando as coisas vão mal.
- ★ Ajuda-me a jamais solicitar que os outros façam o que eu mesmo posso mas não quero fazer. Oxalá eu exerça a liderança mais por exemplo do que por preceito.
- ★ Ajuda-me sempre a regozijar-me plenamente no êxito dum irmão, mesmo que tenha sido a expensas de meu esforço.
- ★ Não consintas que eu me alimente dos defeitos ou da insensatez de outras pessoas. Se eu não tiver algo de bom a dizer sobre um irmão, ajuda-me, Senhor, a guardar silêncio.
- ★ Faze-me lembrar muitas vezes cada dia de que “o que guarda a bôca conserva a sua alma, mas o que muito abre os lábios a si mesmo se arruína.”
- ★ Concede-me paciência na provocação, e ajuda-me a recordar as palavras do sábio: “A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira.”
- ★ Ajuda-me a sempre ceder cortêsmente, quando meus irmãos não vêem luz em meus planos ou propostas. Sômente quando os princípios estiverem em jôgo, faze-me permanecer firme pelo que é reto, ainda que caíam os céus.” — *Educação*, pág. 57.
- ★ Ajuda-me a não agir impetuosamente ou devido a julgamento precipitado. Oxalá eu sempre tenha em mente que as emergências requerem e precisam receber atenção imediata, mas que a maioria das decisões são tomadas com mais acêrto numa atmosfera de cuidadosa reflexão.
- ★ Ao tratar com os errantes, que eu proceda com amor, misericórdia e verdadeira justiça — manifestando o mesmo espírito com que desejaria ser tratado, e cuidando sempre para eu mesmo não ser tentado.
- ★ Dá-me sabedoria para empregar os fundos do Senhor — êles não me pertencem, mas são Teus, e muitas moedas entraram no tesouro por meio de longas horas de labuta e abnegação.
- ★ Ajuda-me a nunca ficar tão absorvido pelos processos administrativos que perca de vista minha mais elevada vocação — salvar almas. Lembra-me com freqüência de que me encontro nesta vida unicamente para preparar-me e a outros para a vida por vir.
- ★ Ajuda-me a ser um homem de oração e um homem da Palavra — e que meu incentivo aos outros nestes dois importantíssimos requisitos para o êxito espiritual jamais seja simples preceito. Oxalá cada dia comece e termine em Ti.
- ★ Que eu nunca ache alguma tarefa impossível, com o auxílio divino.
- ★ Ajuda-me a dedicar a Ti e à Tua obra o máximo que estiver ao meu alcance — “boa medida, sacudida... e transbordando.”
- ★ Que eu sempre torne a Cristo, o primeiro, o último e o melhor em tudo.

Amém.

ROBERTO H. PIERSON

Presidente da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia.



O Espírito Santo e a Terminação da Obra

RAUL S. WATTS



É DIFÍCIL imaginar um momento mais excitante ou de maior responsabilidade na história do Movimento Adventista. O povo de Deus enfrenta hoje em dia uma hora importante, decisiva e gloriosa. Da maneira mais vívida testemunhamos o pasmoso cumprimento das profecias do fim e a hora culminante em que o derradeiro apêlo de Deus é dirigido aos remanescentes de Seus escolhidos dentre tôdas as nações e tribos da Terra.

Declaramos freqüentemente que o que se interpõe entre a igreja hoje em dia e a terminação da obra de Deus na Terra é a "tarefa inacabada." Todos concordamos ser isto um fator inegável. Não é, porém, o fator principal. A necessidade da chuva serôdia do Espírito Santo — esse poder ampliador que resulta no alto clamor da mensagem do terceiro anjo — é o verdadeiro fator na terminação da obra. É por este meio que Deus "cumprirá a Sua palavra sobre a Terra, cabalmente e em breve." Rom. 9:28. Por intermédio deste instrumento celestial o Senhor "estabelecerá" Sua obra de redenção no mundo. Neste tempo crítico é mister que decidamos apegar-nos ao poder do Espírito Santo, pois se Ele fôr reclamado pela fé, trará tôdas as outras bênçãos em Sua esteira (*Testemunhos Para Ministros*, pág. 174).

Dois grandes refrigérios espirituais são apresentados na Palavra de Deus. Estes tempos de refrigério são chamados "Chuva Temporã" e "Chuva Serôdia," e são usados para descrever a obra do Espírito Santo em preparar a verdadeira igreja para a vinda de Cristo. Em geral são mencionados juntos.

"Alegrai-vos, pois, filhos de Sião, regozijai-

vos no Senhor vosso Deus, porque Ele vos dará em justa medida a chuva; fará descer, como outrora, a chuva temporã e a serôdia." Joel 2:23.

"Então conheceremos, se prosseguirmos em conhecer ao Senhor: Sua saída está preparada como a alva; e Ele descerá sobre nós como a chuva, como a chuva temporã e serôdia sobre a Terra." Oséias 6:3 (versão inglêsa).

A manifestação do poder divino no dia de Pentecostes assinalou o início da obra do evangelho. Maior manifestação de poder assinalará sua conclusão, quando Deus derramar Seu Espírito "sobre tôda a carne."

Que relação têm estes derramamentos de poder espiritual para com a experiência cristã e o triunfo final da mensagem do evangelho? Em primeiro lugar, desejo salientar que as Escrituras indicam claramente que deve haver algo dentro de nós mesmos que nos incentive a receber o que Deus tem para dar. "Se alguém tem sede, venha a Mim" (S. João 7:37). Deve haver ação voluntária. Não é uma questão de nos pormos sob o céu aberto e deixar que a chuva caia sobre nós, simplesmente porque ela esteja caindo.

Precisamos beber — não apenas deixar a chuva cair, mas *beber*. O Espírito de Deus tem de habitar no coração a fim de ser um poder transformador na vida.

As Chuvas Temporã e Serôdia

Os escritos do Espírito de Profecia esclarecem a relação do Espírito Santo para com o desenvolvimento do caráter cristão e a obtenção da vitória final em Cristo Jesus. Neste sentido a chuva temporã do Espírito Santo é uma preparação indispensável para a chuva serôdia. Em outras palavras, é necessário haver uma chuva temporã antes da chuva serôdia, a fim de preparar o povo de Deus para a vinda do Espírito

Santo na plenitude do poder divino. Quando O Espírito Santo é derramado sobre o povo de Deus, os que deixaram de receber e apreciar a *chuva temporã*, “não verão nem compreenderão o valor da chuva serôdia” (*Testemunhos Para Ministros*, pág. 399).

Este pensamento é salientado novamente na seguinte declaração:

“Muitos deixaram em grande parte de receber a chuva temporã. . . . A menos que avançemos diariamente na exemplificação das ativas virtudes cristãs, não reconheceremos as manifestações do Espírito Santo na chuva serôdia. . . . Se não nos colocarmos na atitude em que tanto podemos receber a chuva temporã como a serôdia, perderemos nossa alma, e a responsabilidade jaz.rá à nossa porta.” — Ellen G. White, na *Review and Herald* de 2-3-1897.

Quando cair a chuva serôdia, ela será distinguida apenas pelos que experimentaram a “chuva temporã.” É a chuva temporã que prepara o solo e faz com que as sementes da verdade germinem e cresçam no coração. Deve haver “primeiro a erva, depois a espiga, e, por fim, o grão cheio na espiga” (S. Mar. 4:28).

Existe algo que o Espírito Santo não pode admitir, a saber, que a pessoa viva em pecado conhecido. Todo aquêle que recebeu o Espírito Santo precisa romper com o pecado. Se a presença de Deus (o Espírito Santo) estiver no coração, o pecado não pode habitar ali também. Ao ser recebido no coração, o Espírito Santo dará vitória sobre tudo o que não se assemelhe a Cristo.

A chuva temporã representa vívida relação com o Senhor. Significa que cada dia nossa existência é submetida completamente à Sua vontade. Esta entrega total prepara o caminho para Cristo habitar no coração de Seu povo por meio de Seu representante, o Espírito Santo. Então Cristo vive Sua vida dentro de nós. Nossa “conduta, não mais sob o contrôle de nossa natureza inferior, é dirigida pelo Espírito” (Rom. 8:4 — *The New English Bible*).

“Os que vêem a Cristo em Seu verdadeiro caráter, e O recebem no coração, têm a vida eterna. É por meio do Espírito que Cristo habita em nós.” — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 288.

Nesta declaração encontra-se a própria essência do evangelho e o segredo da vida piedosa. Ela indica a posse e o contrôle completo do coração e da vida por parte de Cristo, mediante o poder do Espírito.

Deus Retribuirá em Dôbro

Foi prometida uma porção dobrada desta união celestial:

“Voltai à fortaleza, ó presos de esperança; também hoje vos anuncio que tudo vos retri-

buirei em dôbro.” Zac. 9:12.

O Pentecostes deve repetir-se na atualidade, mas com retribuição dobrada do poder do Espírito. Perto do fim do tempo, quando a obra de Deus na Terra estiver terminando, terá de haver uma concessão de graça divina que resulte na mais grandiosa manifestação da presença e do poder de Deus que o mundo já testemunhou.

“Ao avizinhar-se o fim da ceifa da Terra, uma especial concessão de graça espiritual é prometida a fim de preparar a igreja para a vinda do Filho do homem. Esse derramamento do Espírito é comparado com a queda da chuva serôdia.” — *Atos dos Apóstolos*, pág. 55.

O objetivo dêsse dom especial é “preparar a igreja para a vinda do Filho do homem.” É em favor dêste poder adicional em nossa vida e na igreja que devemos elevar nossas petições ao Senhor da seara.

A chuva serôdia não é concedida para purificar a igreja do pecado. Pelo contrário, ela é outorgada àqueles que *já obtiveram* vitória sobre o pecado.

“Vi que ninguém podia participar do ‘refrigério’ a menos que obtivesse vitória sobre tãda fraqueza, sobre o orgulho, o egoísmo, o amor do mundo, e sobre tãda má palavra e ação.” — *Early Writings*, pág. 71.

Este refrigério pela presença do Senhor será conferido aos que estiverem vestidos com o manto da justiça de Cristo. Esta é a obra preparatória da chuva temporã.

A serva do Senhor afirma claramente que a chuva serôdia representa a conclusão da obra da graça divina no coração:

“Pelo poder do Espírito Santo deve a imagem moral de Deus ser aperfeiçoada no caráter. Devemos ser completamente transformados à semelhança de Cristo.” — *Testemunhos Para Ministros*, pág. 506.

Perfeição em Cristo

Denota esta declaração que durante o tempo da graça os santos vivos atingirão um estado de santidade em que nossa natureza carnal deixará de operar? Haverá um tempo em que estaremos livres de tentações? Estas perguntas são de capital importância.

Nosso Pai celestial nos considera perfeitos “em Cristo” *agora*, e em todo o tempo, se nossa vontade estiver inteiramente ao Seu lado. Ele o faz apesar do fato de que alguns aspectos de nossa conduta ainda não tenham sido colocados sob o domínio cabal dos princípios do Céu.

“Não somos ainda perfeitos; mas é nosso privilégio desvencilharmo-nos dos obstáculos do eu e do pecado e prosseguir para a perfeição.” — *Atos dos Apóstolos*, pág. 565.

Durante esta vida, a perfeição na santidade

não é uma consecução, mas a posição de se estar atingindo. Ela é o repúdio do pecado como princípio dominador.

“Enquanto reinar Satanás, tentemos de subjugar o próprio eu e vencer os pecados que nos assaltam; enquanto durar a vida não haverá ocasião de repouso, nenhum ponto a que possamos atingir e dizer: ‘Alcancei tudo completamente.’” — *Idem*, págs. 560 e 561.

Nosso amoroso Senhor sabe muito melhor do que nós que somos incapazes de vencer. É então que Ele age em nosso favor, pois “conhece a nossa estrutura, e sabe que somos pó” (Salmo 103:14). Por isso somos aconselhados a “fazer o que estiver ao nosso alcance, e os anjos celestiais nos ajudarão a levar a obra avante até a perfeição” (Ellen G. White, na *Review and Herald* de 1-6-1905, pág. 13).

Em outras palavras, quando resolvemos ser plenamente semelhantes a Ele e nos esforçamos para ser obedientes, Cristo cobre a diferença entre nosso sincero esforço para refletir na íntegra Sua imagem em nossa vida e a contínua tendência de não alcançar a perfeição final, e Ele “supre a deficiência com Seu próprio mérito divino” (*Selected Messages*, Vol. 1, pág. 382).

“Por uma vida de santo esforço e firme apego à justiça devem os filhos de Deus selar o seu destino.” — *Testimonies*, Vol. 8, pág. 314.

Desejo salientar novamente que apenas os que vencem diariamente fraquezas hereditárias e tendências adquiridas para o mal, que vivem inteiramente para Cristo, receberão a chuva serôdia. Anelarão por uma experiência em Cristo que seja viva, pessoal e controlada pelo Espírito Santo. A chuva serôdia virá quando alcançarmos o padrão que o Espírito Santo requer.

“Hoje deveis ter purificado o vosso vaso, a fim de estar pronto para o orvalho celeste, pronto para os chuviscos da chuva serôdia; pois a chuva serôdia há de vir, e a bênção de Deus encherá toda alma que estiver purificada de toda contaminação.” — *Evangelismo*, pág. 702.

Concluindo a Obra Mundial

A recepção do Espírito Santo em Sua pleni-

tude é a solução para o problema da terminação da obra mundial. A espada do Espírito será desembainhada e inundada do resplendor do Céu. Ela abrirá caminho através de todos os obstáculos. Sob o poder habilitador do Espírito Santo milhares de vozes consagradas ao redor do mundo transmitirão a advertência final, e a promessa é que “toda alma verdadeiramente sincera virá à luz da verdade” (*O Conflito dos Séculos*, pág. 565). Nesse tempo da mais grandiosa manifestação da presença de Deus, “milhares na hora undécima verão e reconhecerão a verdade.” Estas conversões serão produzidas “com uma rapidez que surpreenderá a igreja” (*Selected Messages*, Vol. 2, pág. 16). Naqueles dias “o mais pequeno virá a ser mil, e o mínimo uma nação forte; Eu, o Senhor, a seu tempo farei isso prontamente.” Isa. 60:22.

Ainda não começamos a compreender as possibilidades de nossos recursos humanos quando unidos com o poder divino. Ainda não começamos a aproveitar nosso potencial humano e financeiro. Ainda não começamos a avaliar pessoalmente o significado de verdadeiro sacrifício. Ainda não começamos a tirar o máximo proveito de nosso pessoal e de nossas facilidades institucionais. Agora que chegou a hora suprema, devemos preparar o caminho para o Espírito de Deus. A Terra está esperando; o Céu está esperando.

Estamos hoje com todas as condições terrestres prontas para ver esta notável obra atingir rapidamente o ponto culminante. Sabemos que ela não poderá ser concluída enquanto a igreja não se puser a postos, testemunhando e testificando do poder santificador e transformador da habitação de Cristo na alma. O maior poder que o mundo já viu provém deste testemunho de homens e mulheres que, mediante a fé em Cristo e o poder do Espírito Santo, foram transformados à Sua semelhança.

Com certeza, *agora*, em meio a toda essa agitação mundial, insegurança internacional e amplo turbilhão de iniquidade, deve surgir um povo que esteja experimentando o poder do Espírito Santo em sua vida — homens e mulheres incentivados a sair vencendo e para vencer.

SÊDE COMPREENSIVOS!

Alguns concluintes do curso ginasial consideravam os atributos duma personalidade desejável. Os rapazes deviam citar as qualidades que mais apreciavam nas moças, e estas por sua vez deviam dizer o mesmo com respeito aos rapazes.

Em ambas as listas a capacidade de, “ser compreensivo” obteve elevada classificação.

Procurando definir o que significava “ser compreensivo,” eles disseram que era a habilidade de aceitar as outras pessoas exatamente como são, sem elogio ou censura. Um verdadeiro atributo de AMOR. — G. T. HEWLETT.

Mulheres em Tempos de Crise — 1*

D. A. DELAFIELD

Secretário Associado do Patrimônio de Ellen G. White



“E QUEM sabe se para tal tempo como este chegaste a este reino?” Ester 4:14.

No Livro de Deus encontram-se diversas histórias de mulheres em situações críticas. Às vezes o papel feminino é desempenhado sob o aspecto duma experiência pessoal. Outras vezes o relato assume dimensões

duma crise nacional. Estes relatos de interesse humano — verídicos e históricos — foram escritos para aviso nosso, sobre quem é chegada a crise do mundo.

A experiência de Cristo sobre a cruz foi uma crise para Seus discípulos, inclusive para Maria, da qual Ele expulsara sete demônios. Esta mulher permaneceu corajosamente com Seu Senhor no Gólgota. Ela foi a última a deixar o local do Calvário, mas a primeira a chegar ao sepulcro na manhã da ressurreição. Sua imperecível afeição por Jesus conservou-a perto de Seu Senhor na vida e na morte.

Na crise de Israel, quando Xerxes era rei da Pérsia, as mulheres não falharam. A Rainha Ester tornou-se o instrumento de Deus para o livramento da raça escolhida. Foi um momento crítico para ela quando Mardoqueu disse: “Quem sabe se para tal tempo como este chegaste a este reino?” Com oração e jejum ela e outras mulheres imploraram ao Senhor. “Irei ter com o rei — disse Ester — e, perecendo, peço.” Ela enfrentou corajosamente a crise. Dirigiu-se para o rei, e ele estendeu-lhe o cetro de ouro. Suas orações foram atendidas.

A parte da significação espiritual da experiência de Ester, encontra-se o fato de que ela manifestou considerável perspicácia feminina quanto ao caráter dos homens. Minha secretária, que é uma senhora casada, fez a seguinte observação: “Notou que Ester alimentou o rei duas vezes antes de solicitar-lhe um grande favor? Sempre é bom falar com um homem *depois* de o haver alimentado.”

Débora era líder e juiz de Israel. Como esposa de Lapidote, ela morava entre Ramá e

Betel, na região montanhosa de Efraim, e os filhos de Israel subiam a ela a juízo. A crise de seu povo era também sua própria crise pessoal. Nesse tempo Jabim era rei de Canaã. Ele reinava em Hazor e enviou a Sísera com seu exército para batalhar contra Israel. Débora enfrentou a crise com coragem e sabedoria. Mandou chamar a Baraque, comandante do exército do Senhor, e disse-lhe: “Porventura o Senhor Deus de Israel não deu ordem, dizendo: Vai, e leva gente ao monte Tabor, e toma contigo dez mil homens dos filhos de Naftali e dos filhos de Zebulom?” Juí. 4:6.

Mas Baraque, o homem, tremeu. Disse para Débora, a mulher: “Se fores comigo, irei; porém, se não fores comigo, não irei.” E Débora respondeu: “Certamente irei contigo, porém não será tua a honra da investida que empreenderes; pois às mãos de uma mulher o Senhor entregará a Sísera.”

Não foi realmente Baraque quem ganhou a batalha naquele dia. Foi Débora e uma mulher chamada Jael. Sabeis o que aconteceu. Na verdade Baraque derrotou os exércitos de Sísera, mas Sísera escapou e fugiu. Ele caiu providencialmente nas mãos duma mulher perspicaz. Jael, a esposa de Heber, o queneu, amparou a Sísera e o levou para sua tenda. Deu-lhe alimento e o pôs na cama. Ele estava exausto e abatido. Na crise com que se defrontou, Jael teve de decidir o que fazer. Assim, enquanto Sísera dormia, ela matou o inimigo de seu povo.

Dêste modo a vitória foi ganha por duas mulheres — Débora e Jael. As honras não foram atribuídas a Baraque, mas àquelas senhoras. Débora, porém, era uma pessoa humilde. Sabia que fôra Deus quem ganhara a vitória; por isso ela compôs um cântico de triunfo: “Desde que os chefes se puseram à frente de Israel, e o povo se ofereceu voluntariamente, bendizei ao Senhor. Ouvi, reis, dai ouvidos, príncipes: Eu, eu mesma, cantarei ao Senhor; salmodiarei ao Senhor Deus de Israel.” Juí. 5:2 e 3.

“Eu, eu mesma,” disse ela. Estas foram as palavras duma mulher entoando um cântico de louvor a Deus, que lhe dera a vitória. Deus concedeu a vitória a muitas mulheres — mulheres que não fracassaram em tempos de crise.

Em ocasiões assim as mulheres têm demonstrado ser tão corajosas como os homens, e às

* Palestra proferida para as funcionárias da Associação Geral, em Takoma Park, Washington, D. C.

vêzes até mais. A Igreja Adventista do Sétimo Dia — juntamente com o povo do mundo em que vivemos — encontra-se diante da maior crise de todos os tempos. Uma senhora que era corajosa e que enfrentou e resolveu muitas situações críticas, disse o seguinte por inspiração divina:

“A atualidade é uma época de absorvente interesse para todos os que vivem. Governadores e estadistas, homens que ocupam posições de confiança e autoridade, homens e mulheres pensantes de tôdas as classes, têm fixa a sua atenção nos fatos que se desenrolam em redor de nós. Acham-se a observar as relações tensas e inquietas que existem entre as nações. Observam a intensidade que está tomando posse de todo o elemento terrestre, e reconhecem que algo de grande e decisivo está para ocorrer, ou seja, que o mundo se encontra à beira de uma crise estupenda.” — *Educação*, pág. 179.

A Sr^a Ellen G. White escreveu estas palavras em 1902. Se há mais de seis décadas no passado o mundo se encontrava à beira de uma crise, que diria ela sobre os dias atuais?

Para os adventistas do sétimo dia a crise virá “quando a proteção das leis humanas fôr retirada dos que honram a lei de Deus.” Então “haverá, nos diferentes países, um movimento simultâneo com o fim de destruí-los. Aproximando-se o tempo indicado no decreto, o povo conspirará para desarraigar a odiada seita. Resolver-se-á dar em uma noite um golpe decisivo, que faça silenciá-los por completo a voz de dissentimento e reprovação.” — *O Conflito dos Séculos*, nova edição revista, pág. 687.

A verdadeira crise do mundo não será política, mas moral. A questão terá que ver com a lei de Deus. Prestar-lhe-emos obediência, ou não? A batalha final do mundo não consistirá em pejeas na Coreia, no Vietnã, em Chipre ou Israel — mas sim no coração humano. O ponto em aprêço será a lealdade ou a deslealdade a Deus.

Um motivo por que devemos aprender como enfrentar as pequenas crises da vida no lar, no escritório ou na loja — de bom grado e com fé e coragem — é que nossa atitude para com as grandes crises futuras terá sido cristalizada no espírito de Cristo, aprendido através da experiência diária. “Se te fadigas correndo com homens que vão a pé, como poderás competir com cavalos? se tão-somente numa terra de paz estás confiado, que farás na enchente do Jordão?” Jer. 12:5.

Todos temos de enfrentar enfermidades e até a morte na família. A mulher siro-fenícia deparou com uma crise em seu lar. Aproximou-se de Jesus pedindo que sua filha fôsse curada. Jesus usou esta ocasião para provar os Seus discípulos que nutriam preconceito contra os gen-

tios. Disse Ele: “Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos.” Os discípulos gostaram desta declaração. O Senhor tinha razão — não convinha outorgar bênçãos aos desprezados gentios! O alimento da mesa do Senhor era para os judeus, não para êsses cães chamados gentios!

Respondeu a corajosa mulher siro-fenícia nessa crise de sua vida: “Sim, Senhor; mas os cachorrinhos, debaixo da mesa, comem das migalhas das crianças.” S. Mar. 7:28. O Senhor, dá-me algumas migalhas para minha filha enferma!

“Por causa desta palavra, podes ir — disse Jesus; o demônio já saiu de tua filha.” Verso 29.

Foi assim que ela enfrentou seu tempo de crise. Suportou a prova, foi para casa e encontrou a filha curada. Que glorioso momento deve ter sido aquêle em que sua amada filha veio saltando e pulando para encontrar-se com a mãe!

Lembra-vos da viúva importuna na parábola contada por Jesus. Ela procurou o juiz iníquo a fim de ser defendida contra seus inimigos, e para ficar talvez com a propriedade devidamente legalizada. O juiz não se interessou pela condição dessa mulher. Não obstante, ela apresentou com insistência suas justas e sinceras reivindicações perante êsse tribunal. Afinal, para não ser mais molestado, o juiz concedeu o que ela queria. Essa viúva triunfou na crise de sua vida. As mulheres possuem certa perseverança. Os tempos de crise parecem intensificar êste característico. A perseverança é uma boa qualidade. Será necessária na crise final. Temos o “dever de orar *sempre* e nunca esmoecer.” S. Luc. 18:1.

Pensai também na ocasião em que Jesus Se dirigia para o lar de Jairo, chefe da Sinagoga, em Cafarnaum. Jairo estava tão ansioso de que Jesus não Se demorasse em ir até lá, que esqueceu momentaneamente que se achava em companhia do Ser divino. A enfermidade não constituía um desafio para Jesus — nem mesmo a morte.

No trajeto para a casa de Jairo, uma mulher que durante doze anos sofrera de uma hemorragia incurável abriu alas entre a multidão. Estando tão perto de Jesus, esta era sua única esperança, seu momento decisivo. “Se eu apenas Lhe tocar a veste, ficarei curada,” disse ela (S. Mat. 9:21). Portanto, aproximou-se o suficiente para tocar no Mestre. Ali estava a orla de Sua túnica! Ela conseguiu tocá-la, e ficou curada.

Jesus Se deteve e perguntou: “Quem Me tocou nas vestes?” S. Mar. 5:30. “As multidões Te apertam e Te oprimem,” responderam os discípulos. Mas Jesus conhecia a diferença entre o toque da fé e o contacto casual da multidão. Distinguiu a mulher entre a multidão.

DOIS CAJADOS

ANÍSIO CHAGAS

O CAJADO é uma arma indispensável ao pastor. Sem o cajado as ovelhas ficam desprotegidas e torna-se inoperante a ação do pastor. Um rebanho sem pastor é uma lástima, e um pastor sem cajado é um fracasso.

Dois cajados são indispensáveis ao ministro do evangelho, aquele que está encarregado de zelar pelo rebanho do Senhor — as pobres ovelhas feridas do pecado e colocadas à sanha do inimigo. Lemos a respeito em Zacarias 11:7: “Apascentai, pois, as ovelhas destinadas para a matança, as pobres ovelhas do rebanho. Tomei para mim duas varas: a uma chamei Graça e à outra União; e apascentei as ovelhas.”

Aqui temos as duas varas, os dois cajados: Graça e União. Jesus, o Sumo Pastor, possuía estes dois cajados. Narra o evangelista: “E crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens.” S. Luc. 2:52. E confirma o Espírito de Profecia: “Jesus revelava, como criança, uma disposição singularmente amável. Aquelas mãos cheias de boa vontade estavam sempre prontas para servir a outros. Manifestava uma paciência que coisa alguma conseguia perturbar, e uma veracidade nunca disposta a sacrificar a integridade. Firme como a rocha em questões de princípios, Sua vida revelava a graça da abnegada cortesia.” — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 47.

A Graça acompanhava Jesus desde a infância. A União era também o Seu apanágio. Veio firmar a paz nos corações agitados.

Que lastimável é um ministro sem estas duas armas! Não é raro ouvirmos relatórios de igrejas em polvorosa, em franca desunião, em aberto conflito: irmãos contra irmãos, e o rebanho revoltado contra o próprio pastor.

Acontece que o responsável pelas desgraçadas ovelhas traz consigo outras armas. Ao invés de Graça, Aspreza; ao invés de União, Guerra. E o resultado é fatal. A sagrada obra da evangelização é embargada pela má vontade, pelo recalçar das ovelhas magoadas pelos acicateos do demônio e escalavradas pela própria vara do pastor.

O mundo já compreende que o cultivo das Relações Humanas é um imperativo desta época de incompreensões e ódios. Mas parece que muitos pastores se esquecem de usar a Graça e a União. De posse do báculo, usam-no para golpear ainda mais o rebanho já alanceado pelas duras tentações de Satanás.

Sem estes dois cajados de Zacarias 11:7, qualquer pastor está fadado ao fracasso, mesmo que seja portador de requintados talentos. É comum entre os estudantes candidatos ao sagrado ministério, aqueles que inadvertidamente blasonam: “Quando eu estiver na minha igreja, a coisa vai ser assim e assim...” Terminam o curso e saem para as igrejas sem as duas varas — Graça e União. Depois sabemos da notícia: Fulano não está mais no ministério. Beltrano desistiu de ser um ministro!

Oh! Que miséria! As almas estão cansadas de lutar sôzinhas... Lôbos vorazes querem tragá-las e elas desejam ardentemente a companhia de um pastor que à semelhança do Pastor divino lhes cure as feridas e as ajude na travessia dos vales escuros.

Companheiros da Seara do Mestre, apanhemos estes dois cajados e corramos em defesa do rebanho do Senhor!

Seu amor a atraía para perto d'Ele. Ela prostrou-se aos pés do Mestre. Confessou o que fizera e esperava não haver cometido alguma falta. “Filha — disse Jesus — a tua fé te salvou; vai-te em paz, e fica livre do teu mal.” Verso 34. Ela foi curada imediatamente. Teve fé no tempo de crise e foi recompensada. Se houvesse fugido do problema e caído em lágrimas e desespero, teria morrido daquela enfermidade.

A fé das mulheres da Bíblia me é impressionante. Gosto de pensar que Eva — que foi criada por último no Éden, muito tempo atrás — representava o melhor de toda a criação de Deus. E tem sido assim em todas as épocas. Que seria o mundo — no que diz respeito ao caráter — sem as mulheres? Não somente as no-

táveis mulheres da Bíblia, mas Clara Barton, da Cruz Vermelha; Ellen G. White, com sua pena inspirada e conselhos divinos; Catarina Lindsay, Maria McReynolds, Sara Peck, Matilda Andross e tantas outras?

As melhores mulheres, porém, não se encontram todas no passado. A Igreja Adventista do Sétimo Dia produzirá muitas delas. Enfrentamos a maior de todas as crises, e precisamos de excelentes mulheres — grandes na fé, fortes na coragem, de profundo amor e afeição, com mente penetrante e clara, e coração repleto de paixão pelas almas; mulheres que amem a Jesus como Maria, sejam corajosas como Ester e tenham fé semelhante à de Débora e Jael. Ne-

(Continua na pág. 18)

Limitando o Infinito

J. T. PEARCE

ÀS vêzes uma palavra parece salientar-se de tal maneira no texto, que prende a atenção, desafia a mente e suscita uma série de pensamentos que são ao mesmo tempo incentivantes e instrutivos. Uma palavra assim encontra-se no Salmo 78:41: "E tornaram a tentar a Deus: e limitaram ao Santo de Israel." (Versão Trinitária.)

Essa palavra é "limitaram." Traduzida do vocábulo hebraico *tavah*, que em seu sentido primordial significa demarcar, riscar ou restringir, ela indica a fixação de limites. Dêste emprêgo original proveio o significado de "provocar" ou "agravar." No Salmo 78:41 foi pois lançada contra Israel a acusação de haverem provocado ou agravado a Deus, estabelecendo limites para Seu poder e sabedoria.

As Escrituras descrevem o Santo de Israel como onipotente e infinito, fora do alcance da compreensão e avaliação humana. De que maneira, pois, poderá Ele ser limitado por Suas criaturas?

Limitado à Consecução Pessoal

Com respeito ao tempo, a primeira tentativa para limitar o Infinito ocorreu quando eram elaborados os planos para a criação dêste mundo. Em Isaías 14:13 e 14 são empregadas estas palavras para descrever a intenção de Lúcifer: "Acima das estrêlas de Deus exaltarei o meu trono . . . ; e serei semelhante ao Altíssimo." Toda a maré de pecado e rebeldia originou-se quando um ser limitou o Deus infinito ao âmbito da consecução pessoal e, tendo restringido assim a Deus em sua própria compreensão, lançou-se à rebelião aberta.

A semente da dúvida foi introduzida na mente de Eva no Éden. Esta semente cresceu rapidamente e produziu fruto, segundo lemos em Gên. 3:6: "Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu." Dêste modo o Onisciente foi limitado ao âmbito do desejo e da sabedoria humana. Esse raciocínio não só causou vergonha e tristeza para aquêle primeiro casal, mas produziu um assassino em sua linhagem direta e uma sucessão de males que encheram a Terra de violência até não haver mais remédio, e os homens, que haviam procurado limitar o Infi-

nito, contemplaram um símbolo de onipotência nas águas irresistíveis do dilúvio.

O tempo foi passando, e mais uma vez os homens se multiplicaram sôbre a face da Terra, e em seu orgulho e insensatez traçaram nas areias movediças do tempo os limites dentro dos quais consentiriam que o Deus do Céu operasse.

Limitado Pelo Engano

Então, dos confins das paredes de barro de Ur dos Caldeus, o Senhor chamou um homem para a imensidão dos espaços abertos, em que êle pudesse erguer os olhos, longe do tumulto do comércio e dos costumes da sociedade, e contemplar a incomensurável obra de Deus em toda a sua maravilha. Abraão obedeceu, e partiu pela fé, procurando demonstrar ao mundo o caráter infinito de Deus. Mas até êle, o pai dos fiéis, estabeleceu limites para o Deus a quem representava. Limitou-O pela astúcia e engano ao reçar que lhe arrebatassem a encantadora esposa. Depois, diante duma promessa que ainda não se cumprira, êle restringiu novamente a Deus aos processos da lei natural, esperando que Ismael fôsse aceito como o filho da promessa.

Limitado Pelo Nacionalismo

E que dizer de Israel, a nação escolhida que foi libertada por mão poderosa, preservada por milagres e estabelecida na encruzilhada das nações a fim de ser irrefutável argumento para o poder e majestade do seu Deus? A glória de seu templo, o significado de suas cerimônias religiosas e sua admirável administração civil — estabelecidos por infinita sabedoria — foram anulados pelos limites que êles traçaram para Deus, até ser proferida a amarga lamentação: "Mas o Meu povo não Me quis escutar a voz, e Israel não me atendeu." Sal. 81:11.

Êles exclamaram: "Dá-nos um rei, para que nos governe," e limitaram o Altíssimo a uma condição de nacionalidade. Dançaram em volta de um bezerro de ouro, proclamando: "São êstes, ó Israel, os teus deuses, que te tiraram da terra do Egito," e reduziram assim a Deus ao tamanho e forma dum objeto inanimado feito por suas próprias mãos. Levaram para a

batalha a arca do concêrto, indicando que Deus Se confinava a uma caixa de ouro que podia ser carregada sôbre os ombros.

Tentaram assim a Deus e limitaram o Santo de Israel até que as nações vizinhas creram que o Deus de Israel estava de fato confinado a uma caixa de ouro e não era melhor do que os deuses de madeira e pedra que êles próprios faziam e adoravam.

Limitado à Lei Humana

Sucedeu, pois, que “vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou Seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei.” Gál. 4:4 e 5. Mas Seu povo, tendo-se tornado presunçoso e satisfeito dentro do cubículo isolado de sua visão restrita e mal orientada, declarou que esta santa Criança — o Filho unigênito do Pai, era apenas o filho do carpinteiro de Nazaré.

Êle veio para o que era Seu, e os Seus não O receberam devido a recusar submeter-Se ao programa restrito que Lhe haviam determinado. Muitas vêzes quis reuni los como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, mas êles não o quiseram. Entregaram-nO a um governador civil a fim de ser julgado, condenado e rejeitado. Disseram: “Temos uma lei e, de conformidade com a lei, Êle deve morrer.” S. João 19:7. A lei do Eterno Deus tornara-se sua lei, para ser aplicada dentro das limitações da interpretação humana.

Limitado Geograficamente

O Onipresente foi limitado geograficamente à região ocupada pela haste da cruz, e retido ali por cravos forjados e pregados por mãos humanas. Êle foi encerrado nas frias paredes de pedra dum túmulo emprestado, selado com o sêlo de Roma e circundado por uma escuridão idêntica às trevas mentais dum povo que pensou que o Santo de Israel pudesse ser retido pelas rochas de Sua própria criação, e refreado pelo poderio militar duma potência terrestre.

Os depositários dos oráculos do Onipotente, por sua própria escolha, encerraram a Deus dentro do âmbito da mente humana e O restringiram à função de carimbo de borracha, esperando que Êle apoiasse resignadamente o que êles planejavam e sugeriam.

Evidentemente, essa situação não poderia continuar assim, e não é de surpreender que Deus

removesse afinal as responsabilidades e os privilégios daqueles que tão obstinadamente O haviam provocado e ofendido por estabelecer limites para Seu poder.

Que sucede, porém, com o povo escolhido, o sacerdócio real que então foi encarregado de produzir os frutos dos ilimitados recursos da Onipotência? E de modo especial, qual é nossa condição hoje em dia no tocante à acusação apresentada no Salmo 78:41 contra o povo escolhido da dispensação antiga?

É Necessário Haver Fé Ilimitada

A majestade e grandeza de Deus, incompreensível como ela é em sua plenitude, é no entanto revelada parcialmente em muitas passagens sublimes e inspiradas das Escrituras, que constituem vigoroso desafio para todos os que professam seguir a fé cristã, pois Deus afirma em Isaías 43:12: “Vós sois as Minhas testemunhas . . . ; Eu sou Deus.”

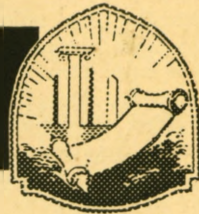
A realização dêste ato de dar testemunho requer fé ilimitada, que vá além do âmbito da consecução e da sabedoria pessoais, e que não seja restringida pelo desejo natural ou pelas limitações da lei natural. Não se contenta também com a mera observância duma religião formal ou com a obediência exterior a um conjunto de leis.

Ela requer uma fé e uma dedicação que não sejam dominadas pelo impulso, comodidade ou conveniência, nem se deixem reprimir ou intimidar pela autoridade secular ou pelo poderio militar. Não depende de segurança econômica ou de administração astuta, e não é avaliada em função de edifícios suntuosos ou organização esplêndida e eficiente.

É uma fé viva e forte que torna um ordinário vaso de barro (II Cor. 4:7) o receptáculo do admirável tesouro do reino eterno, e expõe êste tesouro de tal maneira que a excelência do poder do Infinito se torne maravilhosa e atraente para os transeuntes, e leve os pecadores a exclamar de modo sincero e humilde: “Que devo fazer para que seja salvo?”

Se nesta época esclarecida tão-somente puséssemos de lado os instrumentos que inventamos para traçar limites ao Santo de Israel, e permitíssemos que Êle demonstrasse por nosso intermédio a ilimitada extensão de Seu poder, a obra seria terminada em glória e logo estaríamos no reino preparado desde a fundação do mundo para os que amam a seu Deus.

A conduta humana tem uma maneira peculiar de correr em círculos: se cometo uma ação perversa, mais cedo ou mais tarde ela voltará para mim, causando-me aflição e remorso; se transmito amor e bondade, êles voltarão para abençoar, enriquecer e inspirar. — *Sunshine Magazine*, junho de 1959.



Compreendendo os Dois Concertos

C. G. TULAND

Pastor na Associação de Illinois



A EXPERIÊNCIA religiosa baseada em íntima relação pessoal com Deus não pode ser transmitida por herança: tem de ser adquirida individualmente. Não existe substituto para ela. Não pode ser efetuada pelos outros em nosso lugar. A igreja não a pode outorgar como dádiva. Não é transmitida pela aceitação de

um dogma, mesmo que êle esteja certo de acôrdo com a Bíblia. A obediência aos mandamentos e a observância de cerimônias não podem obtê-la. O crente precisa fazer distinção entre a forma religiosa e a vida religiosa. Êle poderá alcançar uma vida renovada, abundante e ilimitada com Deus, ou incorrer numa religiosidade esteriotipada e num culto formal. Esta última parte é um perigo insidioso e constante que parece ser religião mas na verdade é apenas um invólucro que não tem vida. Em certo sentido, dá-se o mesmo com a igreja, pois ela pode degenerar a tal ponto que se satisfaça com o crescimento numérico, com as posses materiais, com a altivez intelectual e religiosa, enquanto esteja retrocedendo espiritualmente e olvidando seu principal objetivo — a salvação do indivíduo. A Palavra de Deus contém muitas advertências à igreja. Uma delas encontra-se em Apocalipse 3:17 e 18.

A reincidência no formalismo era uma das grandes preocupações do apóstolo Paulo. Eis como êle repreendeu as igrejas da Galácia: "Como podeis retornar a princípios inúteis e estéreis...? Vossa religião começa a ser uma questão de observar certos dias, meses, épocas ou anos. Francamente, vós me surpreendeis." Gál. 4:9-11 — *The New Testament in Modern English*. Portanto, foi necessário explicar tanto a judeus como a gentios que os princípios da sal-

vação humana eram um ato exclusivo da graça divina. O apóstolo também indicou a correlação entre Deus e o homem nesta experiência. Visto que a obediência do homem e sua observância dos mandamentos não podiam contribuir para sua justificação, e se isto se dava só pela graça, por que então a obediência? Assim é estabelecido o justo equilíbrio que exclui a obediência como meio de *ganhar* a salvação, mas torna a verdadeira obediência o fruto natural da salvação pela graça. A insuficiência humana é substituída pela onipotência divina como único poder capaz de preparar o homem para o reino da justiça. O homem aceita essa provisão pela fé, e como demonstração dessa nova relação com Deus êle entrega a vida completamente a seu Redentor.

Para ilustrar esta sublime verdade — a salvação unicamente pela graça — os apóstolos explicaram de diversas maneiras o significado do velho e do nôvo concertos por meio da relação existente entre um e outro. Muitos cristãos, dentro e fora de nossa denominação, deixaram de entender o sentido dos dois concertos. A fim de compreendê-los melhor para obter mais profunda experiência religiosa e conhecer melhor a Deus através de Jesus Cristo, faremos o estudo que segue.

Um concêrto, no Oriente antigo e nos dias do Velho Testamento, era um compromisso solene e um acôrdo que na maioria das vêzes era confirmado por um juramento. Sua fórmula verbal via de regra era completada por um ato simbólico que expressava a nova relação dos contratantes, ou o castigo eventual em caso de violação por uma ou ambas as partes. Os concertos eram comuns entre indivíduos, reis, ou países a fim de regulamentar seu intercâmbio social, político etc. Eram feitos com base em posições de igualdade ou inferioridade, tinham um caráter obrigatório ou voluntário e possuíam

cláusulas e condições. O Velho Testamento menciona concertos entre seres humanos e também entre Deus e o homem (Gên. 21:27; 31:44; 6:18; Atos 7:8 etc.)

* Neste estudo ocupar-nos-emos principalmente com os chamados velho e novo concertos ou testamentos, sendo que a definição destes vocábulos será considerada mais para a frente. Em tôdas as denominações cristãs ainda existe muita compreensão errada a respeito do significado mais rudimentar dos concertos, de sua relação para com a lei e a salvação, e outros problemas. Se alguém fizer a pergunta: "Quando começou o *velho* concerto?" a maioria das pessoas versadas na Bíblia dirão: "No Sinai, ao ser dada a lei." Esta resposta estaria certa, mas se indagássemos: "Quando começou o *novo* concerto?" as respostas variariam consideravelmente. Alguns diriam: "Quando Cristo nasceu," ou "Quando Ele começou a pregar," ou "Quando Ele morreu na cruz," ou ainda "Quando Ele foi para o Céu." Ora, nenhuma destas respostas está certa, embora um texto seja suficiente para elucidar a questão. Se fôr suscitada alguma pergunta no tocante às diferenças fundamentais entre os dois concertos, as respostas serão igualmente obscuras.

O texto mencionado acima encontra-se em Jeremias 33:31-33, e êle não somente contém os elementos básicos de ambos os concertos, mas facilita a compreensão de suas diferenças. Fornece também os pormenores técnicos e legais dos concertos.

O *velho* concerto:

1. Tempo: "No dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito." = Sinai.
2. Contratantes: "O Senhor . . . com a casa de Israel e com a casa de Judá." = Deus e Israel.
3. Objetivo do concerto: "Eu serei o seu Deus, e êles serão o Meu povo." = Filiação.
4. Condições do concerto: "As Minhas leis." = Obediência.

Usando a mesma passagem que é repetida em Hebreus 8:8-10, os *mesmos* elementos são encontrados com referência ao *novo* concerto ou testamento, exceto quanto ao tempo.

1. Tempo: "Eis aí vêm dias, . . ." = um ponto profético de tempo.
2. Contratantes: "O Senhor . . . com a casa de Israel e com a casa de Judá." = Deus e Seu povo.
3. Objetivo do concerto: "Eu serei o seu Deus, e êles serão o Meu povo." = Filiação.
4. Condições do concerto: "As Minhas Leis." = Obediência.

Por enquanto, pois, não se nota qualquer diferença entre os dois concertos, com exceção do tempo. Os contratantes, os objetivos e as condições são os mesmos.

Entretanto, o autor da epístola aos Hebreus declara que Deus não considerou perfeito o primeiro concerto (Heb. 8:7). Êle não poderia ser o próprio Deus, pois o Senhor é perfeito (Deut. 32:4). Tampouco poderia ser a Sua lei, pois ela também é perfeita (Sal. 19:7). Não havia nada de errado no objetivo do concerto que visava tornar o homem caído novamente um filho de Deus. Portanto, resta apenas uma possibilidade — o contraente humano. Êle — isto é, o povo de Israel — não cumpriu a parte que lhe competia no acôrdo, que consistia em perfeita obediência à lei de Deus. Êste pensamento é realçado em Jeremias 31:32: "Êles invalidaram o Meu concerto;" e em Heb. 8:8, onde é declarado que êles foram *repreendidos*. Por conseguinte, a verdadeira causa da anulação do velho concerto foi a debilidade humana. E cumpre notar que êste fator continua através de tôda a história da humanidade. Por si só o gênero humano não pode absolutamente colocar-se à altura de semelhante modelo de perfeição. Nenhum concerto baseado na promessa de perfeita obediência por parte do homem — como sucedeu no Sinai (Êxo. 19:8): "Tudo o que o Senhor tem falado, faremos" — produziria melhores resultados do que o primeiro. A solução teria de ser encontrada pelo próprio Deus, sem comprometer os princípios de Sua eterna justiça.

Os cristãos em geral não compreendem que o pecado, e também a salvação, criaram problemas não somente para a humanidade mas também para Deus. A morte de Adão e Eva teria sido um simples cumprimento da afirmação divina de que os transgressores teriam de morrer. Mas Deus desejava que o homem vivesse a fim de vindicar perante o universo a justiça de Seu govêrno. Por isso Êle teve de manter a sentença de morte e ainda salvar o homem da morte. Que o universo participa dêste problema, julgando mesmo as palavras e os atos de Deus nesta questão, foi expresso pelo apóstolo Paulo: "Para seres justificado nas Tuas palavras, e venhas a vencer quando fores julgado." Rom. 3:4. E o apóstolo apresenta igualmente o "dilema divino," se é que podemos usar esta expressão, no tocante à "demonstração da Sua justiça neste tempo presente, para que Êle seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus." Rom. 3:26. A inferência teológica desta declaração, a encarnação do Filho de Deus, a morte vicária de Cristo e a salvação do homem por meio da aceitação do gracioso dom de Deus não podem ser elucidadas neste artigo, mas são as partes fundamentais do novo concerto a que Paulo faz alusão. Contêm a provisão básica para um concerto eficaz pelo qual Deus consiga alcançar Seu objetivo — restituir a justiça ao homem sem sacrificar os princípios de Sua eterna lei moral. Isto pode ser expresso de maneira bem simples:

“O que o homem não pode fazer por si mesmo, o Senhor o fará por êle.”

Leiamos agora as promessas do nôvo concêrto: “Mas êste é o concêrto . . . : Porei a Minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração.” Jer. 31:33. Uma descrição análoga do que Deus realiza em favor do homem encontra-se em Ezeq. 36:26: “Dar-vos-ei coração nôvo, e porei dentro em vós espírito nôvo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne.” Estas promessas são uma provisão divina que abrange não sômente a transformação do homem mas também a participação que nela é desempenhada por Deus. É a isto que o apóstolo se refere ao dizer que Cristo “é mediador dum melhor concêrto, que está confirmado em melhores promessas.” Heb. 8:6.

Já vimos que de acôrdo com Jeremias 31:32, o velho concêrto foi instituído no Sinai, quando Israel deixou o Egito. Mas se o nôvo concêrto, como crê a maioria dos cristãos, começou com a morte de Cristo no Calvário, surge logicamente a pergunta: Não houve concêrto algum entre Deus e o homem no período que se estende da queda do homem até o êxodo do Egito? Há diversas passagens que respondem a esta pergunta. Em primeiro lugar, diremos que existe uma referência a um concêrto entre Deus e Adão: “Mas êles traspassaram o concêrto, como Adão.” Oséias 6:7. A declaração mais interessante, porém, é feita pelo apóstolo Paulo: “E digo isto: a lei, que veio quatrocentos e trinta anos depois, não anula um concêrto confirmado anteriormente por Deus.” Gál. 3:17 — *Revised Standard Version*. O sentido desta declaração é bem claro. Essa “lei” mencionada por Paulo se refere ao concêrto de Deus com Israel no Monte Sinai (2553 A. M. ou 1451 A. C.). O outro evento mencionado ocorreu 430 anos antes do êxodo, em conexão com Abraão (Gál. 3:18). Nesse tempo Deus fêz um concêrto com Abraão. O ponto importante na declaração de Paulo, porém, é que mesmo o concêrto com Abraão não era nôvo, mas simplesmente uma *confirmação* de um concêrto que já existia anteriormente.

Animais Partidos Pelo Meio

Ligeiro estudo de Gênesis 15 indica que o Senhor, durante o encontro que manteve com Abraão, ordenou que êle trouxesse certos animais e os matasse (Heb. *karath*: “cortar,” “partir”), colocando depois as metades umas defronte das outras (Gên. 15:9 e 10). Quando os contratantes passavam juntos entre os animais divididos, demonstravam um significado dêsse ritual: aquêle que violasse as condições do concêrto teria o mesmo fim que os animais imolados (Jer. 34:18): “Farei aos homens que transgrediram a Minha aliança . . . , como êles fi-

zeram com o bezerro que dividiram em duas partes, passando êles pelo meio das duas porções.”

O ponto importante do concêrto de Abraão com Deus consistia em que o Senhor não exigiu que Abraão andasse com Êle entre os animais; Deus o fêz sôzinho (Gên. 15:17). Esta característica é fundamental, tornando o concêrto abraâmico completamente diferente daquele que foi estabelecido no Sinai, pois simbolizava a obrigação unilateral assumida por Deus. Êle tornou-Se o único responsável pelo cumprimento do concêrto, que incluía o nascimento de um filho a Sara, uma multidão de descendentes e a herança da terra de Canaã (Gên. 15:5 e 18).

Outro aspecto importante do concêrto de Abraão com Deus é o fato já mencionado de que não era um concêrto nôvo, mas apenas a confirmação de um concêrto já existente (Gál. 3:17). Paulo explica que houve um cumprimento duplo da divina declaração profética referente ao filho prometido: “Em Isaque será chamada a tua descendência” (Rom. 9:7; Gên. 21:12). Êsse foi o primeiro cumprimento. O supremo significado da promessa, e o único pelo qual tôdas as nações seriam abençoadas, é mencionado pelo apóstolo Paulo em Gál. 3:16: “E ao teu descendente, que é Cristo.” Se Deus, portanto, confirmou um concêrto com Abraão, cuja suprema realização estaria na “semente” ou “descendência,” perguntamos qual era o concêrto original e a época em que foi feito. Houve algures um concêrto semelhante ao que foi estabelecido com Abraão? A alocação de Deus à serpente no Êden contém uma referência a essa “semente da mulher,” que apesar de ser ferida por Satanás iria triunfar sôbre êle e destruí-lo (Gên. 3:15). Observa-se pois o seguinte desenvolvimento gradual:

1. O concêrto original — com Adão.
2. Sua confirmação — com Abraão.
3. Seu cumprimento — em Cristo.

Neste concêrto existe igualmente um princípio saliente: sua *natureza*. Seu cumprimento depende das promessas e fidelidade de um só contratante — Deus. Conquanto em duas ocasiões houvesse uma violação pela outra parte — Adão transgrediu o concêrto e Abraão procurou cumpri-lo por meio de métodos naturais — isto não alterou a fidelidade de Deus.

Qual é a Diferença?

Isto nos conduz à questão da natureza e da relação entre os dois concertos. A palavra hebraica para concêrto é *berith*. Parece não haver diferenciação filológica entre o *velho* e o *nôvo* concertos, na menção que lhes é feita na Bíblia. Tampouco indica êsse vocábulo qualquer distinção entre seu caráter, ou que um era um

contrato e o outro um compromisso unilateral. O mesmo sucede com a palavra grega *diatheke*, que significa ajuste, acôrdo, concôrto, testamento. Contudo, nas Escrituras, ambas essas palavras requerem uma distinção de caráter e aplicação. No caso do *velho* concôrto elas designam um acôrdo ou um contrato baseado em condições e estipulações — obediência proveniente do esforço humano: “Faremos.” Mas os israelitas falharam. Então Deus propôs o *nôvo* concôrto, que da mesma maneira que o primeiro foi firmado pelas duas partes, mas baseava-se numa relação completamente diferente. Com efeito, a condição era perfeita obediência, como no primeiro, mas foi Deus quem Se tornou responsável em lugar da realização humana. Ele exigiu a completa dedicação do homem, aceitando sua entrega como prova de que recebeu a justiça que lhe foi oferecida. O fato de que a validade do *velho* concôrto dependia do cumprimento de suas condições por *ambas* as partes, mas por *apenas uma* no *nôvo* concôrto (sendo que a outra aceitava sua parte pela fé), modificou um *característico* fundamental dos concertos, mas não a relação do concôrto. É significativo que sempre que os apóstolos usam uma comparação para explicar o *nôvo* concôrto, mencionam o que foi feito com Abraão, e não o do Monte Sinai (Atos 3:25).

De Contrato a Testamento

A diferença mais importante entre o velho e o *nôvo* concôrto pode ser estabelecida pelo emprego de *duas palavras* diferentes em português. Como justificar isto, porém, se o hebraico e o grego empregam apenas uma? É simples e lógico, pois pode ser demonstrado pelo contexto em que aparece a palavra hebraica ou grega. O autor da epístola aos Hebreus elucida a questão. Ele refere-se a Cristo como o *diatheke Kaine* que na maioria das versões é traduzido por *nôvo concôrto* (Heb. 9:15; 12:24). Acrescenta então: “A fim de que . . . recebam a promessa da eterna herança aqueles que têm sido chamados.” Mas as pessoas geralmente não recebem uma herança por meio de um contrato, e, sim, de um testamento. Diz o versículo 16: “Porque onde há testamento é necessário que intervenha a morte do testador.” Isto demonstra o significado de *diatheke* no *Nôvo Testamento*. A herança que resulta da morte de outra pessoa não se baseia mais num contrato, mas num testamento. Esta idéia é reforçada no verso 17: “Pois um testamento só é confirmado no caso de mortos; visto que de maneira nenhuma tem força de lei enquanto vive o testador.” Assim, o *velho concôrto*, o contrato nos livros do Velho Testamento, torna-se um *nôvo testamento* que recebeu validade com a morte de Cristo. Para reafirmar nosso ponto de vista: Embora a re-

lação do concôrto entre Deus e Seu povo não fosse alterada, houve alguma modificação no caráter do concôrto. Ele tornou-se um testamento que obteve validade com a morte do Testador, Jesus Cristo, na cruz do Calvário. A natureza *contratual* do velho concôrto foi alterada para um caráter *testamental* no *nôvo* concôrto.

Há ainda outros pormenores que merecem ser considerados. Em Hebreus 9:15 declara-se que sob o *nôvo* concôrto, isto é, “testamento,” também são remidos os que se encontravam sob o *primeiro* concôrto, a saber, o velho concôrto do Sinai. As condições irrealizáveis do velho concôrto não somente foram substituídas por outras melhores no *nôvo*, mas as “melhores promessas” socorreram aqueles que morreram sob o primeiro concôrto, tendo fé na misericórdia de Deus, mesmo que não pudessem ter qualquer mérito por suas conseqüências humanas. Para melhor compreensão do plano de Deus, leia-se Rom. 3:21 a 5:11.

A questão resume-se pois no seguinte:

1. O *nôvo* testamento (concôrto) tornou-se válido com a morte de Jesus.

2. Portanto, o *nôvo* concôrto não é um contrato bilateral na aceção comum, mas um “testamento.”

3. O testamento é retroativo, pois inclui também os que não cumpriram as condições do velho concôrto, que era um contrato bilateral.

4. Visto que o *nôvo* “testamento” foi instituído por ocasião da queda do homem, sua eficácia abrange a totalidade das pessoas que revelaram fé, desde o início do mundo.

Com isto determinamos o fator do tempo no tocante ao início e à extensão do *nôvo* concôrto. Os cristãos muitas vezes se confundem devido ao uso das palavras *velho* e *nôvo* concôrto, que parecem indicar que o velho concôrto era mais antigo, e o *nôvo* mais recente. Entretanto, como já vimos, o velho concôrto teve início no Sinai (1451 A. C.) e findou com a morte de Cristo (31 A. D.).

Já respondemos à pergunta referente à existência de um concôrto antes do Sinai. Demonstramos ter havido um concôrto entre Deus e Abraão, baseado nos mesmos princípios que o *nôvo* concôrto, e que o apóstolo Paulo disse ser apenas a confirmação de outro concôrto mais antigo. Descobrimos que este último concôrto encontra-se em Gên. 3:15, onde Jesus Cristo, o autor desse testamento, prometeu reintegrar os frágeis seres humanos na impoluta filiação divina. Ele predisse Sua vitória sobre Satanás e também Seu sacrifício para obtê-la. E quando o Salvador morreu no Calvário, esse testamento do Filho de Deus tornou-se válido para todos aqueles que desde o início do tempo depositaram sua esperança unicamente em Deus.

(Continua na pág. 24)



O Dinamismo de um Ministério

Bem Sucedido — I

WESLEY AMUNDSEN



DIZ-SE que dinamismo é “o poder ou a capacidade de comunicar energia ou produzir ação.” — Dicionário de Webster.

Convém que todo ministro leia pelo menos uma vez por semana a avaliação de Paulo quanto ao maior poder existente no mundo. Recomendo que observeis em primeiro lugar os cinco “Ainda que” usados por êsse apóstolo ao tratar dos desejáveis característicos do professo ministério cristão.

Os Cinco “Ainda que”

“Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine.

“Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência;

“Ainda que eu tenha tamanha fé ao ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei.

“E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres, e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará.” I Cor. 13: 1-3.

Depois de haver mencionado êstes pontos, Paulo analisa em linguagem simples, sem recorrer a definições de diversas interpretações textuais, êste notável elemento tão necessário na obra duma vida e ministério abnegado — o amor.

“O amor é paciente, é benigno, o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não

se ressentido do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade;

“Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais acaba. . . .

“Agora, pois, permanecem, a fé, a esperança e o amor, êstes três: porém o maior dêstes é o amor.

“Segui o amor, e procurai com zelo os dons espirituais.” I Cor. 13:4-8 e 13; 14:1.

Princípios Vivos ou Sentimento Volúvel

Em seu livro *Atos dos Apóstolos*, eis o que a Sr^a Ellen G. White diz sobre o princípio do amor na maneira em que se relaciona com o ministro do evangelho:

“O amor de Cristo não é um sentimento volúvel, mas um princípio vivo, o qual se manifesta como um poder permanente no coração. Se o caráter e a conduta do pastor são um exemplo da verdade que advoga, o Senhor porá em sua obra o selo de Sua aprovação. O pastor e o rebanho serão um, unidos pela comum esperança em Cristo.” — Página 516.

Êste parágrafo contém uma verdade que todo ministro precisa compreender em sua plenitude — que o ministério bem sucedido se baseia no dinamismo do amor manifestado de tal modo na vida humana que o pastor do rebanho se identifique plenamente com o povo — as ovelhas do rebanho de Deus — e que êles também se tornem um em Cristo.

Era isto que Jesus queria dizer quando inspirou João a escrever: “Vêde que grande amor nos tem concedido o Pai, ao ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus. Por essa razão o mundo não nos conhece, porquanto não O conheceu a Êle mesmo.” I S. João 3:1 e 2.

O Legado de Cristo a Pedro

O legado que Cristo deixou para Pedro bem pode ser o legado que Ele confiou ao ministério hoje em dia. Baseava-se na pergunta três vezes repetida: "Amas-Me?" (S. João 21:15-17).

Esta importante pergunta penetrou tão profundamente na consciência de Pedro que dêsse dia em diante ele se dispôs a seguir inteiramente a seu amado Mestre, mesmo até à morte. Estava preparado para beber o cálice e sofrer com seu Senhor para o bem da igreja de que ele era um dos dirigentes.

Tem de ser assim com o ministério da igreja. O conselho dado é claro neste ponto.

"Cristo fêz menção a Pedro de uma única condição de serviço — 'Amas-Me?' Esta é a qualificação essencial. Mesmo que Pedro possuísse tôdas as outras, sem o amor de Cristo ele não seria um fiel pastor do rebanho de Deus. Conhecimento, benevolência, eloquência, zelo — tudo isto é essencial para um bom trabalho; mas sem o amor de Cristo no coração, a obra do ministro cristão é um fracasso." — *Atos dos Apóstolos*, pág. 515.

Mais Encanto e Ostentação?

Que consideramos ser essencial em nosso ministério na época atual? Maiores orçamentos financeiros? Maior eloquência na oratória? Mais habilidade para analisar e explicar as Escrituras? Melhor propaganda para despertar a atenção das multidões? Melhor música e cantores? Maiores órgãos de tubos? Mais aparato? Mais encanto e ostentação? Mais estações de rádio e televisão? Maiores multidões? Como avaliamos a nossa obra de ganhar almas para Deus?

Fazei uma pausa demorada e olhai para as mãos de Jesus. Que vêdes ali? Cicatrizes! Cicatrizes profundas e de contornos irregulares! Observai-O enquanto Ele comparece perante o Pai e estende as mãos com as palmas viradas para cima, e ouvi-O dizer:

QUE DESAFIO!

Havia uma reunião da comissão da igreja. O presidente da Associação queria saber que espécie de ministro seria mais útil naquela localidade. Ele indagou:

— Quereis um bom organizador, um hábil administrador, alguém que empreenda cabal programa de evangelismo, ou um especialista em fazer visitas?

Respondeu o presidente da comissão, que era notável médico:

— Irmão presidente, ajude-nos a obter um verdadeiro pregador, que exponha a Palavra de Deus e fale ao coração. Queremos um homem que conheça o caminho para o Céu e nos conduza para lá. Desejamos que ele ame de veras o seu Mestre, possua o poder do Espírito Santo e nos ajude a obter vitória sobre o pecado. Precisamos que ele nos incentive a assumir maiores encargos no serviço do Senhor e a amarmos uns aos outros com genuíno amor cristão.

Que desafio! Oxalá Deus ajude a cada ministro, por meio de Sua graça e do poder do Espírito Santo, a alcançar tal padrão de espiritualidade, competência e serviço! — *Adaptado.*

"Eis que nas palmas das Minhas mãos te tenho gravado." Isa. 49:16.

Onde levais as almas sob vosso cuidado, as almas dos membros de igreja que necessitam de vosso ministério de amor? Num caderno de apontamentos? Numa fôlha de papel cuidadosamente guardada dentro da Bíblia ou de algum outro livro? Onde as conservais ao apresentardes seus nomes ao Pai por meio de Jesus?

Como Filipe, o evangelista, lidou com o tesoureiro etíope quando o alcançou na estrada que conduzia a Gaza? Sobre que falou ele?

Por que Deus Escolheu a Filipe?

Filipe deixara louvável interesse na cidade de Samaria. Realizou milagres, curou doentes, expulsou demônios e produziu "grande alegria naquela cidade." As pessoas que creram em sua pregação sobre o reino de Cristo foram batizadas e se uniram à igreja. Os irmãos em Jerusalém ouviram falar do êxito que ele estava tendo, e enviaram Pedro e João para lá, a fim de ver o que sucedia. Parece que Pedro assumiu a direção da obra evangelística em Samaria, e o Senhor viu dois homens — Filipe, Seu fiel evangelista, e o tesoureiro da rainha da Etiópia; procurou pois aproximá-los. Por que Deus escolheu a Filipe? Porque conhecia a Filipe e sabia que ele apresentaria Cristo a êsse etíope, da mesma maneira como pregara a Cristo em Samaria.

O diálogo entre os dois homens é esclarecedor e instrutivo. O ponto principal era que "Filipe, abrindo a sua bôca, e começando nesta escritura, lhe anunciou a Jesus." Os resultados foram impressionantes naquele lugar deserto bastante afastado das aglomerações humanas. Filipe, o evangelista de êxito, desceu à água com êsse ser humano de outra raça, "e o batizou." O nôvo converso continuou o seu caminho com júbilo no coração, e Filipe nunca mais o viu. Êste evangelista, empreendendo a obra de Deus com o coração cheio do amor de Jesus, continuou a pregar em outras cidades.

Como Leão que Ruge

LUCAS MIGUEL DIAZ

Pastor da Igreja de Caracas, Venezuela

NOS dias em que vivemos, como cristãos, somos testemunhas dos esforços realizados na igreja para manter a vigência dos princípios e das normas que devem caracterizar-nos como adventistas do sétimo dia e que nos conduzirão ao reino eterno.

A medida que se fôr aproximando o dia da segunda vinda de Jesus e o dia em que será derramada a ira de Deus duma maneira impiedosa, haveremos de testemunhar calamidades, desastres e apostasias até dentro da igreja, a menos que, como crentes, aprendamos a andar com Deus como o fêz Enoque, e a manter firmes as normas cristãs que devem reger nossa vida.

Não há dúvida de que Satanás anda em derredor, bramando como leão, pois a própria Bíblia nos diz em I S. Ped. 5:8: "Sêde sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar."

Disse também S. João, o discípulo amado: "Trou-se o dragão contra a mulher e foi pelejar com os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e sustentam o testemunho de Jesus." Apoc. 12:17. Satanás está empenhado em sua última arremetida contra o povo que ensina os mandamentos de Deus e procura viver em harmonia com êles. O inimigo sabe muito bem que a melhor maneira de debilitar e dividir a igreja é por meio duma negação de suas normas.

Se a igreja rebaixar suas normas para conformar-se com o mundo, ficará impotente; já não poderá erguer a voz e dizer: "Retirai-vos dela, povo Meu, para não serdes cúmplices em seus pecados, e para não participardes dos seus flagelos." Apoc. 18:4.

Se as normas da igreja do Deus vivo se tornam iguais às do mundo, é anulado o objetivo da existência da igreja. O descuido das normas da igreja não somente exerce pernicioso influência sobre os de fora, mas também destrói a fraternidade dos santos, pois ela só tem significado "se andarmos na luz, como Ele na luz está." I S. João 1:7.

Constitui um ato de hipocrisia dizermos que andamos na luz se não o fazemos, mas seguimos

as normas do mundo. Isto transforma nossa profissão em mentira.

Um fator muito importante que devemos reconhecer é que a igreja de Cristo se compõe de cristãos que foram chamados para deixar o mundo e seguir a Cristo. E se fomos chamados para deixar o mundo e seguir a Cristo, por que trazer para a igreja o mundo juntamente com suas normas e costumes?

Outro fator significativo é o do crescimento espiritual, e êste vem em resultado de nossa associação com os que pertencem à fé de Jesus Cristo, com os que possuem as mesmas ambições, desejos e crenças que nós. Nossa associação deve ser principalmente com aqueles que buscam em primeiro lugar o reino de Deus e a Sua justiça, por que, qual é a comunhão que há entre a luz e as trevas?

É precisamente nisto que consiste o problema latente no coração de muitos cristãos, e também na igreja, pois êles são suas partes componentes. O maior problema está em que os que se dizem cristãos, mas não o são, não se converteram para o evangelho e para Jesus Cristo nem nasceram de novo.

Sucedelhes o mesmo que a Nicodemos: não nasceram da água nem do Espírito. Outros, que não nasceram do Espírito, serão apenas cristãos nominais, tíbios, frios e até indiferentes. Êles não se interessam nas normas da igreja.

Tais pessoas nunca compreenderão o valor de ser verdadeiro membro da igreja, pois isto só pode ser compreendido devidamente por aqueles que nasceram de novo. "Para desfrutar realmente os privilégios de um adventista do sétimo dia, deve o indivíduo nascer de novo. Para regozijar-nos com os remidos, devemos ser remidos."

Por esta razão há membros que não encontram prazer em ser membros da igreja nem se regozijam em seu programa espiritual e recreativo, pois não têm a mente, a fôrça e o coração na igreja nem aprenderam a abandonar o mundo. Olvidaram as palavras do profeta: "Andarão dois juntos, se não houver entre êles acôrdo?" Por isso acham difícil obedecer às normas da igreja. Não reconhecem que não se pode obter maturidade espiritual tentando servir a dois senhores.

Como cristãos, temos de escolher a quem iremos servir. Devemos ser sinceros, honestos e íntegros, mas não cristãos indecisos, invertebrados e hipócritas.

Embora escritas há muitos séculos no passado, as palavras de Josué devem ser consideradas seriamente, pois são oportunas para os dias em que vivemos. "Porém, se vos parece mal servir ao Senhor, escolhei hoje a quem sirvais: se aos deuses a quem serviram vossos pais . . . Eu e a minha casa serviremos ao Senhor." Jos. 24: 15. Também são apropriadas as palavras do apóstolo S. Paulo que se encontram em II Cor. 6:15: "Que harmonia [há] entre Cristo e o maligno? ou que união do crente com o incrédulo?"

Sempre devemos lembrar-nos de que a melhor maneira de combater e refutar o erro é com a verdade, e que um dos melhores meios de evangelizar o mundo é viver de acordo com as normas da igreja.

Existe hoje em dia uma crença que está adquirindo certa quantidade de seguidores. É a de que "Deus morreu." Não entraremos em pormenores agora, mas diremos que ao negligenciar as normas da igreja podemos tornar nos seguidores destes desequilibrados espirituais que querem demonstrar que Deus morreu.

Esta nova onda de moralidade, crenças e teorias não é nova. São precisamente as antigas artimanhas que o diabo usou no passado que estão sendo ressuscitadas. Opõem-se à Palavra de Deus, a qual diz que o pecado é a transgressão da lei.

Portanto, devem ser desarraigadas estas lutas que ocorrem no coração da pessoa convertida.

Como? A resposta está em Efés. 6:10, 11 e 13: "Quanto ao mais, sede fortalecidos no Senhor e na força do Seu poder. revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo. . . . Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau, e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis."

Não é tempo de a igreja conformar-se com o mundo e imitá-lo. Lembremo-nos de que estamos no mundo mas não somos do mundo, pois nossa cidadania é celestial.

É antes um tempo em que Sião deve levantar-se e resplandecer. É antes um tempo em que as sentinelas que estão sobre os muros de Sião devem despertar e dar à trombeta um somido certo para que as hostes do exército do Príncipe Emanuel se preparem para a batalha.

Nesta hora undécima do mundo precisamos permanecer firmes e erguer bem alto os princípios da justiça e os padrões da verdade. Se cedermos agora e baixarmos as normas, destruiremos a igreja que amamos, e a qualidade de membro perderá o seu significado. Se a igreja der cabida à falsidade e à participação em diversões mundanas, e passar por alto os princípios da moral, que valor terá ser membro da igreja?

Com certeza, nestes dias em que o inimigo anda em derredor, como leão que rugir, devemos orar: "Faze-me atinar com o caminho dos Teus preceitos." "Por isso tenho por em tudo retos os Teus preceitos todos, e aborreço todo caminho de falsidade." Sal. 119:27 e 128. "Agrada-me fazer a Tua vontade, ó Deus meu; dentro em meu coração está a Tua lei." Sal. 40:8.

Mulheres em . . .

(Continuação da pág. 8)

cessitamos de mulheres assim na igreja hoje em dia. Temos mulheres como estas, mas suas melhores obras ainda se manifestarão nos tempos de crise que enfrentamos.

Vivemos num tempo excitante, e as mulheres parecem suportar melhor o excitamento do que os homens. Elas têm menos úlceras. E para o cristão, cada dia é excitante. Declarava um trecho publicado no boletim duma igreja:

"Os cristãos precisam de excitação. Fomos feitos assim. Nós o almejamos. E se não a encontrarmos na igreja, encontrá-la-emos noutra parte. Mas a procuraremos. Testemunhar para Cristo é uma aventura poderosa. Pode produzir mais excitação na vida das pessoas do que qualquer coisa que este mundo tenha a oferecer. . . . A igreja do Nôvo Testamento vivia da excitação do poder de Deus. Havia emoção após emoção na igreja primitiva

enquanto ela testemunhava no poder do Espírito Santo."

Excitados por causa de Cristo! Isto produz mulheres excitadas. Elas não são, porém, as *glamour girls* da atualidade. São mulheres cristãs que estão excitadas a respeito de Jesus e entusiasmadas por causa de Sua amizade — belas pessoas que o mundo contempla com maior admiração do que as moças que exibem seus encantos físicos, mas possuem pouco caráter. Disse o sábio: "Como jóia de ouro em focinho de porco, assim é a mulher formosa que não tem discrição." Prov. 11:22. Que testemunho para o mundo é a mulher discreta que possui belo caráter! Penso que todas as mulheres adventistas que amam a Jesus são belas. Mas ter coragem para as crises é algo diferente. É alguma coisa que não se recebe naturalmente. Precisamos orar e jejuar para obter fé e coragem. Enfrentamos tempos de provação no mundo. Devemos viver à altura dessas provações.

EVANGELISMO – Almas para Deus



Responsabilidade Dobrada

Durante 47 Anos!

J. R. SPANGLER

Secretário Associado da Associação Ministerial

UM jovem tenente da Real Força Aérea Australiana, juntamente com 1.500 outros homens, estava prestes a embarcar num velho navio, com destino à Inglaterra. A Primeira Guerra Mundial estava no auge. Pouco antes de subir ao navio, ele e seu irmão mais novo apertaram as mãos em silêncio. Profundo e forte amor prendeu-lhes o coração. Dentro de poucos instantes foi dada a ordem de que todos deviam subir a bordo. Chegara o momento da separação. O irmão mais velho, com os olhos fixos no irmão mais novo, disse: "Roy, farei sua parte na frente de batalha se você fizer minha parte na obra de Deus." Acenaram um breve adeus, e eles nunca viram mais um ao outro. Um ano mais tarde Roy recebeu um cabograma informando-o de que seu irmão morreria num acidente aviatório. Imediatamente caiu sobre o irmão mais novo o manto da responsabilidade de dois homens. Até esse tempo ele pensara em seguir a carreira musical, mas a frase de despedida de seu irmão modificaria todo o programa de sua vida.

O Chefe

Roy Allan Anderson, que nós chamávamos afetuosamente de "o chefe," era aquele irmão mais moço. Ele nunca esqueceu ou deixou de cumprir aquele compromisso assumido em 1917. Pouco depois dessa experiência, começou a preparar-se mais decididamente para o ministério no Colégio Avondale, e teve também a oportunidade de encontrar-se com Myra Wendt, que durante 46 anos tem partilhado suas alegrias e tristezas. Após casarem-se em 1920, eles passaram sete anos ganhando almas na Nova Zelândia. Um de seus conversos foi L. C. Naden, atual presidente da Divisão Australasiana.

De 1.400 para 3.500 Lugares

Em 1927 os Andersons regressaram à Austrália e iniciaram a obra evangelística na cidade de Brisbane. O teatro com 1.400 assentos logo se tornou muito pequeno. Conseguiu-se um teatro de 2.200 lugares, mas após algumas semanas foram obrigados a abandoná-lo devido a projetos de remodelação do teatro. Aonde iriam eles agora?

Um importante homem de negócios da cidade, que estava a par da situação difícil em que se encontravam, provou-lhes a fé dizendo: "Lembre-se, meu amigo, que o único caminho a seguir é para cima. Se o senhor crê no que está pregando e tem certeza de que é a verdade, deve dirigir-se para o Teatro de Sua Majestade — a casa de ópera. É o maior e melhor edifício da cidade, e atrairá as melhores pessoas." A fé do chefe foi provada ao extremo. Como poderia aventurar-se num lugar assim? A fé venceu o temor, e as reuniões foram iniciadas nesse local estratégico e importante. Dois anos e meio depois o salão ainda continuava repleto de ouvintes da mensagem do advento.

Daniells, Austrália e Inglaterra

Em 1928 A. G. Daniells visitou a Austrália e assistiu a uma reunião de domingo à noite, em que mais de mil pessoas tiveram de voltar por falta de lugar. Ele foi sincero no que disse para o Pastor Anderson: "Creio que o Senhor precisa de seus serviços em outra região do mundo." Dezoito meses mais tarde os Andersons receberam um chamado da Associação Geral para trabalhar em Londres, na Inglaterra. Em 1930, quando o mundo mergulhava nas profundezas



Os 3.500 lugares deste teatro em Brisbane, Austrália, foram ocupados por ouvintes do Pastor Anderson. Mais de 1.000 pessoas tiveram de voltar por falta de espaço.

duma terrível depressão financeira, este pregador adventista de 34 anos de idade começou sua obra na Inglaterra. O Espírito do Senhor abençoou abundantemente seus labores. Apesar da depressão, o povo que assistia às reuniões apoiou a obra ano após ano, pois os fundos recebidos da Associação eram mínimos (75 dólares por ano). Os que conhecem bem o "chefe" sabem que sua vigorosa fé no poder e na direção de Deus é uma qualidade muitíssimo mais desejável do que orçamentos e equipamento. Onde há visão, o povo prospera!

Colégio La Sierra

Seis anos e meio depois eles foram convidados a unir-se ao corpo de obreiros da União do Pacífico. As atividades abrangiam o evangelismo público, a direção do departamento de teologia do Colégio La Sierra, estudos na Universidade da Califórnia do Sul e grande série de conferências na Divisão Interamericana. Esta última experiência por certo ampliou a visão dos ministros e evangelistas daquele território. Hoje há ali mais evangelistas que batizam acima de cem almas por ano, do que em qualquer outra região do mundo. •

Associação Ministerial

Na sessão da Associação Geral de 1941 ele foi eleito para fazer parte da diretoria da Associação Ministerial. Isto incluía o ensino, o trabalho de redação e o preparo ministerial. De vez em quando eram realizados cursos de extensão, e durante os anos ele participou de doze ou treze desses cursos, na maioria das Divisões mundiais. Quarenta e três de seus 47 anos de ativo serviço ministerial foram empregados principalmente para preparar outros ministros. Durante vinte e cinco anos sua obra na Associação Ministerial modelou o pensamento e ampliou a visão de nosso ministério mundial.

Conquistados Pela Música

O dom musical parece ser um aspecto hereditário na família Anderson. O falecido A. W. Anderson, pai de três ministros ordenados, era um músico consumado. A música desempenhou pois uma parte importante na vida de nosso chefe. Durante seu ministério ele compilou vários hinários. Um dos aspectos singulares de sua obra evangelística era o uso de um câoro. Muitos de seus componentes provinham de for-

mação não adventista. Em qualquer parte um grupo de 100 a 200 cantores tomavam parte no programa de ganhar almas. Pelo menos duas vezes ao ano era apresentado um oratório com orquestra e còro. Isto não sòmente atraía o público, mas constituía verdadeiro repto para a organização musical.

Em minha recente visita à Austrália, um filho membro que assistiu a uma reunião campal contou-me sua experiência quando era membro de um còro dirigido pelo Pastor Anderson. Disse então com simplicidade: "Nunca pude compreender por que êle queria que eu cantasse no còro, pois quando nos encontramos pela primeira vez eu não conseguia cantar uma única nota." Perguntei-lhe: "Não sabe realmente qual era o motivo para isso?" Sua resposta foi negativa. Então eu lhe disse que êste foi o método usado pelo "chefe" a fim de trazê-lo para a verdade.

Durante um período de dez anos foi mantido um cuidadoso registo dos não-adventistas que se uniram ao còro, e os resultados demonstraram que mais de 95 por cento dêles se batizaram mais tarde. Êste método demonstra que o cântico não é apenas um complemento para o evangelismo. É evangelismo no sentido mais elevado!

Experiências Pessoais

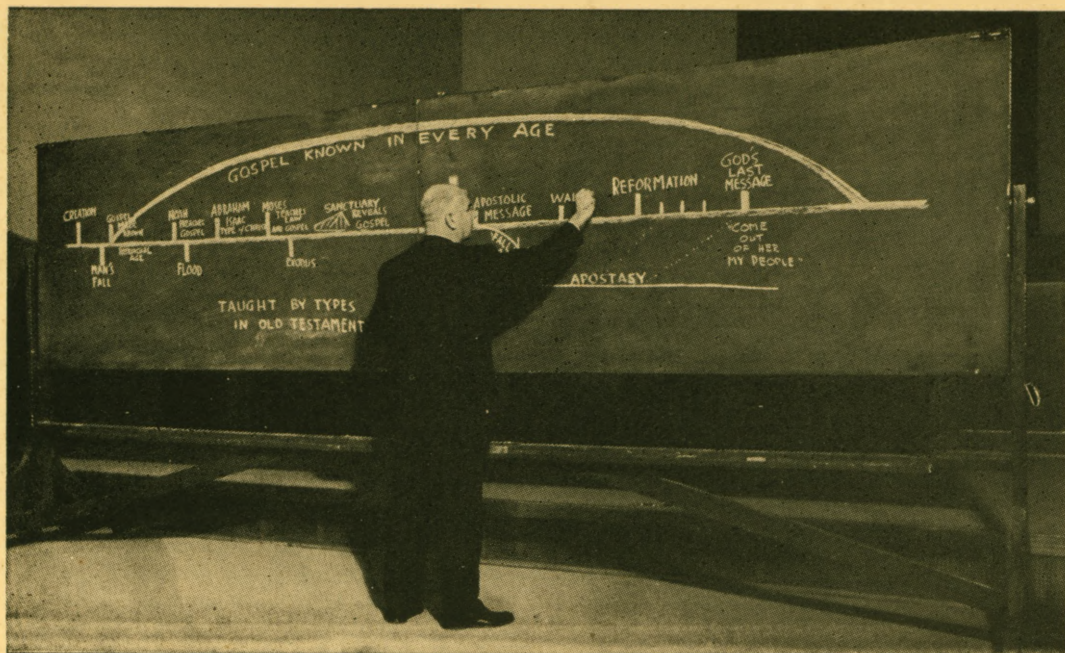
Êste relato não estaria completo se eu deixasse de mencionar algumas experiências pessoais.

Meu primeiro contacto com o "chefe" ocorreu durante uma Semana de Oração realizada no Colégio Missionário de Washington, no ano escolar de 1941-1942. A parte musical da Semana de Oração revelou novos cânticos, como "Espírito do Deus Vivo," "Desponta um Nôvo Dia," "Volve os Olhos Para Cristo," "Amanhece em Meu Coração," "Ele Vive" etc. Nunca havíamos ouvido êstes cânticos antes. Todos os alunos do colégio foram elevados pelo cântico durante e depois desta semana de ênfase espiritual. Em meu último ano de estudos fui aluno do Pastor Anderson. Em suas aulas de preparo ministerial aprendemos a pregar em praça pública. Lembro-me de haver ajudado a erigir uma estátua de Daniel 2 sob uma árvore num parque de Washington. A certa distância dali outro pregador ao ar livre era rodeado por algumas centenas de pessoas. Mas a estátua que trouxemos atraiu a multidão de nosso competidor, e em pouco tempo tínhamos uma assistência muito maior do que a dêle. Outro aspecto do preparo era a alocação de improvisado. Devíamos falar durante cinco minutos sobre assuntos que nos eram comunicados enquanto nos dirigíamos para a plataforma.

Após a formatura, fiz parte de sua equipe evangelística numa grande série de conferências realizada na cidade de Cleveland, Estado de Ohio. Os jovens aspirantes ao ministério nem sempre avaliam imediatamente o impacto que lhes é causado por um evangelista de êxito.

O batistério portátil e o còro eram partes integrantes de suas séries de conferências públicas.





O indispensável quadro-negro usado pelo Pastor Anderson para esclarecer suas mensagens.

Nenhuma praxe da igreja poderia superar a colocação de obreiros novos junto com ministros de experiência. Caso esta orientação fôsse seguida invariavelmente, asseguraria o êxito de muitos principiantes, que de outra maneira poderiam desanimar-se ou adotar um padrão medíocre.

A visão que tive, as idéias, os métodos e a experiência obtidos durante aquela campanha evangelística, proporcionaram-me maior auxílio do que qualquer outro preparo teórico. Talvez a melhor instrução fôsse recebida durante as visitas de casa em casa, segundo o método do apóstolo Paulo. O tato, a bondade e a paciência do chefe ajudaram-me a compreender o valor da obra pessoal. Muitas vezes enfrentávamos situações difíceis, em que uma resposta errada teria redundado na perda de almas. Observar a maneira jeitosa como os indivíduos eram levados à decisão tem sido uma das experiências mais preciosas de todo o meu ministério.

Como evangelista associado na série de conferências realizada no Carnegie Hall de Nova York, em 1951, aprendi outras lições valiosas. As desorientadoras perplexidades e problemas desta gigantesca metrópole obrigavam-nos a orar constantemente. Uma das inesquecíveis expressões do chefe era: "Vamos orar!" O fardo suportado por ele durante tais campanhas foi extremamente pesado. Sua resistência física demonstrava ser ele mais do que um evangelista; era um pastor — um pastor-evangelista. Uma de suas filosofias era que todo evangelista deve

ser um pastor do rebanho, e cada pastor, um evangelista. O verdadeiro evangelismo sempre procede do instinto de pastorear. Seu livro *O Pastor-Evangelista* centraliza-se neste tema.

Auxílios Visuais

Outro fator importante de seu programa evangelístico consistia no uso de meios visuais. Um grande quadro-negro era sempre um item indispensável. Isto não somente prendia a atenção das pessoas, mas tornava a verdade bem clara. Ele desempenhou uma parte relevante no desenvolvimento das figuras recortadas em madeira compensada, como os animais de Daniel 7. Milhares de indivíduos que ele conduziu às águas batismais nunca olvidarão a eficácia das palavras ilustradas por meio de dispositivos impressionantes.

Autor

Além de centenas de artigos para *The Ministry* e outras revistas, o Pastor Anderson escreveu os livros *Unfolding the Revelation* (Esclarecendo o Apocalipse), *Preachers of Righteousness* (Pregadores de Justiça), *Secrets of the Spirit World* (Segredos do Mundo dos Espíritos) e *The Shepherd-Evangelist* (O Pastor-Evangelista). Uma coleção de três volumes repletos da mensagem está sendo impressa pela Southern Publishing Association. Em reconhecimento de sua contribuição teológica para a Igreja Adventista, a Universidade Andrews conferiu-lhe em 1964 o título de Doutor em Teologia.

(Continua na pág. 24)



MÚSICA

Sagrado ou Profano?

HUGO DARIO RIFFEL

MUITAS vêzes fazemos a nós mesmos esta pergunta quando ouvimos certos trechos musicais dentro dos recintos sagrados. Todos concordamos em que a música profana não deve ter lugar nos cultos, mas o problema consiste em estabelecer a distinção entre a música apropriada para ser usada dentro da igreja, e a que não o é.

Talvez a focalização do problema sob o ponto de vista histórico nos ajude a compreendê-lo, já que é de grande importância proteger os fiéis das influências pouco edificantes da música imprópria nos momentos de adoração ou meditação.

A distinção entre a música sagrada e a profana não existia entre os compositores da escola flamenga que ocupou a dianteira da Europa no Século XV. Podemos observar missas completas nas quais a voz principal canta uma melodia popular com palavras mundanas, e as outras vozes tecem uma trama polifônica com textos litúrgicos. Por certo tôdas as vozes eram cantadas simultaneamente na igreja, tanto a que continha texto profano como as outras. Evidentemente, nem os músicos nem os fiéis viam nisto uma profanação, pois o costume de cantar e tocar música secular dentro da Igreja Católica atravessou as fronteiras de Flandres e continuou até que o Concílio de Trento (1545-1563) regulamentasse o uso da música nos serviços religiosos do catolicismo.

Ao surgir a Reforma Protestante, no Século XVI, disse Lutero: "O diabo não necessita de tôdas as melodias belas só para si." O Dr. Alberto Schweitzer descreve os fatos da seguinte maneira: "Diante da impossibilidade de improvisar da noite para o dia tôdas as melodias de que precisava, a Reforma aproveitou as melodias profanas. As belas canções populares (*lieder*) eram abundantes na Alemanha neste período de florescência poética que se estende do fim do Século XV até o começo do Século XVI; e apropriando-se das melodias correntes, a Reforma o fez com plena consciência, pois proclamava em alta voz a pretensão de fazer desaparecer o canto profano, substituindo-o pelos novos cânticos religiosos. Dedicou-se a essa tarefa

sem a menor consideração, transformando os cantos profanos em religiosos." ¹

Um exemplo bem claro deste estado de coisas encontra-se no frontispício de um hinário que apareceu em Frankfurt, em 1571: "Canções da rua, canções de ginetes e canções montanhezas transformadas em canções cristãs e morais para fazer desaparecer, com o tempo, o mau costume de entoar cantigas levianas nas ruas, nos campos e no lar, substituindo-as pelos belos e decentes textos religiosos que se encontram aqui."

Com o passar dos anos, a Reforma não precisou mais recorrer à música secular, devido a surgirem em seu âmago compositores que escreveram música religiosa da melhor qualidade. O exemplo máximo deu-se na Saxônia, na primeira metade do Século XVIII, por meio da pessoa de João Sebastião Bach, o qual não compôs nenhuma ópera e escrevia no início de cada uma de suas obras as iniciais "S. D. G." ("Soli Deo Gloria"), indicando que sua arte destinava-se a glorificar a Deus.

Com o correr dos anos o público também foi olvidando a origem profana das melodias dos hinos, consubstanciando-as com os textos religiosos. Quem reconhece hoje no belo coral cuja melodia J. S. Bach repete quatro vêzes na "Paixão Segundo S. Mateus" — *O Haupt voll Blut und Wunden* ² — a canção de amor "Meu ânimo está turbado por causa de uma tenra donzela," publicada por Hans Léo Hassler, em 1601?

Observamos assim que a música apropriada para ser usada na igreja não é somente aquela que foi composta com essa finalidade, mas também uma quantidade de obras originalmente profanas, mas que as gerações sucessivas têm identificado com os costumes religiosos, de maneira que ao serem executadas dentro da igreja não trazem à mente dos fiéis idéias mundanas mas religiosas. Os exemplos de melodias que passaram por êsse processo são muitos, e julgamos desnecessário transcrevê-los.

Um exemplo mais próximo encontra-se nas muito conhecidas "Marchas Nupciais" de Wag-

ner e Mendelssohn, extraídas de obras indubitavelmente profanas, mas que com o correr dos anos se foram identificando tão plenamente com as cerimônias de casamento na igreja, que é difícil encontrar alguma pessoa que se lembre da origem dessas músicas. Quando são executadas as obras originais de Wagner ou de Mendelssohn numa sala de concertos, ao iniciar-se o trecho correspondente, ouve-se um murmúrio: "A Marcha Nupcial!" Isto demonstra que na mente do povo estas melodias estão mais relacionadas com o casamento do que com os usos originais.

Depois de haver visto ligeiramente as distinções históricas entre a música sagrada e a profana, chegamos à conclusão de que no momento de determinar a conveniência de usar certa música dentro da igreja, é mais importante captar o significado que ela encerra para a congregação, do que sua origem sagrada ou profana.

1. J. S. Bach. *El Músico Poeta*, pág. 15 (Edição Ricordi, Buenos Aires).

2. Tradução: "Oh rosto ensangüentado," na edição castelhana de Obermüller — Carámbula.

Compreendendo os . . .

(Continuação da pág. 14)

O último grande capítulo desta salvação ainda terá de tornar-se uma realidade. Desejo estar presente naquele dia em que todos os filhos de Deus comparecerão perante o trono divino para ouvir as palavras: "Vinde benditos de Meu Pai, possui por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo." S. Mat. 25:34.

Responsabilidade Dobrada . . .

(Continuação da pág. 22)

Ao Roy Allan Anderson deixar a Associação Ministerial, compreendemos algo do débito que temos para com êle por sua complacência e bondade. Seu caráter genial consistia não apenas em sua habilidade para pregar e escrever, mas em sua grandeza de espírito e em sua capacidade de amar e entender as pessoas. Êle nunca foi grosseiro ou descortês. Sempre estava pronto a ouvir os outros com simpatia. Nunca se prevalecia das faltas alheias. Foi sempre um verdadeiro cristão.

Se escrevesse estas palavras simplesmente para elogiar e exaltar a um ser humano, eu seria censurado. Mas conhecer intimamente "o chefe" significa conhecer melhor a Alguém mais, por haver conhecido a êle.



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Naor G. Conrad

Colaboradores especiais:
R. A. Wilcox e A. E. Schmidt

Assinatura Anual US \$ 3,00
Número Avulso US \$ 0,50



Ano 33

N.º 2

NESTE NÚMERO

ORAÇÃO DE UM ADMINISTRADOR 1

ARTIGOS GERAIS

O Espírito Santo e a Terminação da Obra
Raul S. Watts 3
Mulheres em Tempos de Crise — I
D. A. Delafield 6
Dois Cajados
Anísio Chagas 8
Limitando o Infinito
J. T. Pearce 9

PESQUISA — TEOLOGIA, HISTÓRIA, CIÊNCIA

Compreendendo os Dois Concertos
C. G. Tuland 11

OBRA PASTORAL

O Dinamismo de um Ministério Bem Sucedi-
do — I 15
Como Leão que Ruge
Lucas Miguel Díaz 17

EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS

Responsabilidade Dobrada Durante 47 Anos!
J. R. Spangler 19

MÚSICA

Sagrado ou Profano?
Hugo Dario Riffel 23

